

FESTA JUNINA E DIA DAS CRIANÇAS: ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE PARA JOVENS E ANTIGOS MORADORES DO ASSENTAMENTO BELA VISTA DO CHIBARRO EM ARARAQUARA/SP

Ana Flávia Flores¹
Vera Lúcia Silveira Botta Ferrante²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal fazer um estudo dos espaços de sociabilidade e sua importância desde a constituição do assentamento até os dias atuais. É realizado no assentamento Bela Vista do Chibarro, localizado no município de Araraquara/SP, atualmente com aproximadamente 213 famílias assentadas e gerenciada pelo INCRA. Para contextualizar a necessidade de trabalhar com o tema da festa junina no assentamento Bela Vista do Chibarro, é discutido o processo de constituição deste assentamento. Neste trabalho, é feito um pequeno relato da origem da festa junina, por achar importante relatar a simbologia desta festa no assentamento. Um relato da tradição da festa, de suas comidas típicas, da organização da quadrilha e como ela surge de seus santos e da origem da fogueira. Apresentando uma pesquisa fundada em observação participante, nas organizações da festa junina e dia das crianças, registro em diário de campo e levantamento fotográfico. O que se segue é como a Festa Junina surge no assentamento, em que contexto ela está sendo resgatada não só como uma Festa Junina, mas principalmente como um lugar de fartura e de satisfação das necessidades simbólicas. Entretanto, é relatado como esta tradicional festa ficou sem ser realizada por três anos e sua retomada a partir da mobilização dos jovens do assentamento especificamente do Grupo Pé Vermelho. Outro espaço de resgate da tradição e sociabilidade é a Festa do Dia das Crianças que começou a ser organizado no ano de 2008 devido à iniciativa do grupo Pé Vermelho com a ajuda dos moradores do assentamento e da “EMEF do Campo Hermínio Pagotto”. A Festa Junina e do Dia das Crianças são importantes espaços de atuação dos jovens no resgate da tradição que prioriza a mobilização e o trabalho comunitário para aglutinar seus moradores. Tais espaços surgem da condição de pertencimento que perpassa as relações dos jovens e antigos moradores com o assentamento, plena de significações. O aspecto do resgate histórico da tradição, do processo de luta e conquista do local, perpassam tais espaços incentivando a formação comunitária.

Palavras-Chave: Assentamentos Rurais; Cultura; Tradição; Festa Junina; Festa do dia das crianças; Sociabilidade

INTRODUÇÃO

Para contextualizar a necessidade de trabalhar com o tema da festa junina no assentamento, não pude deixar de lado o processo histórico de suas raízes.

¹ Graduanda em Pedagogia da Terra na UFSCar. Pesquisadora bolsista I.C.- CNPQ - Nupedor (Núcleo de Pesquisa e Documentação Rural). Uniara (Centro Universitário de Araraquara), email: anaflaviaflores@hotmail.com.

² Coordenadora do Mestrado em desenvolvimento Regional e Meio Ambiente da Uniara e do Nupedor.

Faço um pequeno relato da origem da festa junina, por achar de grande importância relatar a simbologia desta tradicional festa, e de como ela vai se refletir nos espaços de sociabilidade do assentamento. Relatando um pouco da sua tradição, das comidas típicas da festa, a quadrilha como ela surge, seus santos e a origem da fogueira.

O que se segue é como a festa junina surge no assentamento, em que contexto acontece sua interrupção e como ela é resgatada, não só como uma festa junina, mas principalmente como um lugar de fartura e de satisfação das necessidades. Por outro lado, como essa tradicional festa ficou por três anos sem ser realizada, é importante salientar que o seu resgate aconteceu a partir da mobilização dos jovens do assentamento e do Grupo Pé Vermelho.

Por toda essa tradição que a festa junina carrega dentro do assentamento, apresento elementos de sua simbologia e da condição de pertencimento que perpassa as relações dos jovens e antigos moradores com esse lugar, pleno de significações.

Por fim, nas considerações finais analiso o significado da festa junina 2009, as metas atingidas e não atingidas com os jovens, mas que a idéia de valorização do campo ficou embutido nos mesmos.

O ASSENTAMENTO BELA VISTA: O ONTEM E O HOJE

O Assentamento Bela Vista do Chibarro tem 3.579.710ha, fica próximo do município de Araraquara. Esta importante cidade do interior paulista está localizada na região conhecida como “Califórnia Brasileira”, devido ao alto índice de “modernização agrícola”.

Na compreensão do Bela Vista devemos perceber a importância deste assentamento na região, os vários processos de luta e conquista por aquelas terras. Terras estas que passaram por três fases do desenvolvimento agrícola: fazenda de café, cana-de-açúcar que ficou abandonada e depois assentamento (ROSIN, 1997). O assentamento foi constituído em uma das antigas sedes da Usina Tamoio.

A Usina Tamoio na década de 1950 era considerada como uma das maiores usinas do país, contava com um contingente de pessoas em torno de 7.000 a 10.000 empregados (ROSIN, 1997). Mas esse “império” passa por algumas dificuldades administrativas. Já na década de 1980, acontece a interrupção do funcionamento da usina por seus proprietários

em 29/10/1982.

No momento da sua falência a perspectiva de uma reforma surge, tendo como principal mediador da luta o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, que organizou os trabalhadores da região.

A fazenda Bela Vista do Chibarro foi declarada de interesse social, para fins de reforma agrária pelo Decreto nº 97.660, assinado pelo primeiro Presidente da República depois da ditadura militar, José Sarney em 13 de abril de 1989 e classificada como latifúndio por exploração.

Antes do decreto, a fazenda vinha sendo ocupada, sua formação é mais antiga que esta data e são vários grupos heterogêneos que vêem nesta terra a possibilidade concreta da conquista pela terra (ROSIN, 1997). O Grupo dos Antigos Moradores, que são famílias que viviam e trabalhavam nesta terra, na época da usina, e ao permanecerem na fazenda Bela Vista, tiveram que enfrentar muitas dificuldades como: o transporte para a cidade que deixou de existir, a energia elétrica que foi cortada, o posto de saúde que foi fechado, mas que ficaram até a fazenda se tornar assentamento; o grupo de Sertãozinho formado por bóias-frias, que viam a possibilidade de melhoria de vida através de um pedaço de terra e assim sair da condição precária em viviam; o grupo do Sindicato que fez cadastro no sindicato e foram convidados a entrar na terra; o grupo de Sete Barras que vivia no assentamento Val Formoso no município de Sete Barras negocia com o sindicato e os trabalhadores acampados no Bela Vista sua transferência para essas terras devido ao fato de o assentamento de Val Formoso tem sido declarado como reserva florestal, por este ser localizado em região montanhosa; o grupo de Promissão que é transferido pelo INCRA para o assentamento, passando por cima dos que estavam naquele assentamento e da vontade do sindicato, e por consequência, o grupo dos 36 para impedir que outros trabalhadores fossem trazidos de Promissão, deixando de fora aqueles que estavam cadastrados na região (ROSIN, 1997). Esses são grupos que vão constituir o Assentamento Bela Vista.

Apesar dos grupos heterogêneos esses trabalhadores que constituíram o assentamento têm no passado um relacionamento concreto com a terra e o mesmo objetivo de sair da situação de exploração e conquistar o tão sonhado pedaço de “chão”, melhorando assim a situação dos seus familiares.

A FESTA JUNINA NO ASSENTAMENTO

Com a chegada na fazenda Bela Vista, outros desafios surgem como: a falta de energia elétrica, falta de transporte coletivo, a escola que não estava funcionando, o posto de saúde que não fazia atendimentos, enfim, fazer de fato, uma realidade de assentamento. Portanto naquele momento era necessário fazer um trabalho coletivo, buscar alternativas e soluções para melhorar o lugar que iriam morar.

Os assentados se unem para fazer com que a realidade pudesse mudar, ou seja, tornar aquela fazenda em assentamento e principalmente dar visibilidade para o mesmo. Neste contexto, um evento vai ter um significado especial: a realização de uma festa junina.

Para descrever a importância da festa junina na história do assentamento é necessário conhecer a simbologia e a história da festa junina, como ela surge, porque da fogueira, porque da quadrilha e qual a importância dessa festa e como vai refletir nos espaços de socialização do assentamento.

A Festa Junina tem sua origem em países católicos da Europa surge originalmente como uma festa pagã do solstício de verão, mas que ao ser apropriado pela Igreja passa a comemoração do dia dos santos: Santo Antônio, São João Batista e São Pedro. A Festa Junina marca também o período agrícola sendo uma manifestação religiosa e ligada à agricultura e à colheita (GOMES). É uma festa bem característica que traz em suas manifestações preparações como:

- Comidas Típicas de milho, por causa da época de colheita desse produto e são distribuídos: curral, milho cozido, pamonha, pipoca entre outros alimentos. Além dessas receitas fazem parte do cardápio: quentão, amendoim, arroz doce, rapadura, broa de fubá, bombocado, cocada, pé-de-moleque e doce de abóbora;
- A Quadrilha, que nasce no início do século XIX na França denominada “quadrille” (dança marcada para quatro pares), veio para o Brasil seguindo os interesses da classe média e das elites portuguesas e brasileiras do século XIX. Se popularizou com danças brasileiras pré-existentes tendo subsequentes evoluções. Tendo sido inicialmente adotada pela elite urbana

brasileira, esta dança teve seu maior florescimento no campo rural. A quadrilha é dançada em homenagem aos santos juninos (Santo Antônio, São João e São Pedro), para agradecer as boas colheitas. Esse festejo torna-se importante, pois o homem do campo é muito religioso, devoto e respeitoso a Deus. A vestimenta na quadrilha é um elemento muito importante os participantes se caracterizam devida a sua localidade, vestidos matutos ou à caipira. Essa tradição torna-se conhecida pelos típicos casamentos fictícios, esse ritual matrimonial liga as festas de São João européias que também celebram aspirações ou uniões matrimoniais cabe ao “noivo” e a “noiva” puxar a quadrilha;

- A Fogueira, de origem européia, as fogueiras juninas fazem parte da antiga tradição pagã. A fogueira do dia de “Midsummer” (24 de junho) tornou-se pouco a pouco na Idade Média um atributo da festa de São João Batista. Segundo a lenda católica a fogueira pagã, o antigo costume de acender fogueiras no começo do verão europeu tem suas raízes em um acordo feito pelas primas Maria e Isabel sobre o nascimento de João Batista. Para ter seu auxílio elas teriam de acender uma fogueira sobre o monte. E segue essa tradição até os dias presentes.

Por toda essa tradição e simbologia que a festa junina no Assentamento Bela Vista tem importância, talvez na época da sua primeira festa no assentamento seus moradores não soubessem de toda a tradição simbólica, mas tinham certeza de que esta festa seria a festa simbólica para o assentamento, pois era a oportunidade que seus moradores tiveram para apresentar o assentamento para cidade como um lugar próspero e festivo, evidenciando assim a cultura camponesa.

Então, em de junho de 1990 é realizada a primeira festa no Bela Vista. O objetivo dessa festa era também de divulgar o assentamento, bem como demonstrar ser aquele um local de trabalho, de luta, mas também um lugar para festejar.

A festa junina é uma dessas ocasiões em que as mulheres assumem à frente das decisões, conquistando um espaço próprio de atuação. Não somente as decisões “culinárias” da festa, mas também a intensa atuação que tiveram nas questões organizativas e políticas da preparação de uma festa (ROSIN, 1997).

São três períodos marcantes da festa: a preparação, a doação dos alimentos, e por último a quadrilha (FERRANTE, 2006). Todos os produtos típicos juninos foram ofertados pelos próprios trabalhadores e oferecidos gratuitamente aos que participaram dos festejos, também o significado de apresentar o assentamento como local de fartura e abundância. Assim é que ela foi divulgada por cartazes em toda a cidade e conseguiram-se ônibus junto à prefeitura para o transporte daqueles que não tivessem como se locomover ao assentamento.

As iniciativas resultaram em grande sucesso que duraram dezesseis anos no assentamento e envolvia toda a comunidade, mesmo as de outras religiões, na preparação dos alimentos ou na doação de uma prenda.

INTERRUPÇÃO DA FESTA JUNINA DO ASSENTAMENTO BELA VISTA

1. INICIO DA INTERRUPÇÃO

Em 2005 a festa deixou de ser realizada por causa de conflitos sociais e econômicos que foram se desenrolando ao longo do tempo no assentamento e que teve reflexo na preparação da festa, por certo da fragmentação da sociabilidade do grupo com um todo.

Para entender este processo é necessário retornar em 1992, quando o Bela Vista teve um grande incentivo para o plantio de grãos. O apoio oficial foi dado ao cultivo do milho, tendo o órgão gestão do assentamento representado o INCRA e incentivador para este cultivo, nesta época o assentamento foi o maior produtor de milho no Estado de São Paulo em terras de reforma agrária. Essa primeira fase, boa no sentido da produtividade, não dura muito.

A “crise do plantio de grão” será a principal causa do renovado surto de interesse pelo plantio de cana-de-açúcar. Em 1997, nutrindo-se do altíssimo grau de inadimplência, a possibilidade de plantar cana reaparece. Numa articulação entre uma usina de Araraquara e um grupo de assentado inicia o cultivo da cana-de-açúcar em parte de seu território. Inicialmente levado adiante por um grupo de 12 assentados que se aproveitam do momento de eleição para representante do assentamento para se fazer legalmente no núcleo. O grupo, conhecido por grupo dos 12, conseguiu eleger o líder como representante da comunidade (FERRANTE, 2004, p.141).

Apesar do INCRA ter se mantido na posição contrária, refutando especialmente as formas de subordinação imposta pela agroindústria à pequena produção, a cana segue seu itinerário, nenhuma ação enérgica ou consistente é levada adiante para mudar esta trajetória (FERRANTE, 2004, p.141).

Mas é em 2000, e a partir de então, que o aumento dos que aderiram ao plantio da cana cresceu. Apesar de a cana crescer assustadoramente neste espaço há, dentre as 176 famílias cerca de 50 que resistem, continuando com a agricultura de subsistência e pouca diversificação agrícola (FERRANTE, 2004, p.143).

Dificuldade de financiamento, prejuízos com outras produções os levam a ver, na produção da cana, uma condição viável de permanência na terra, perspectiva de difícil previsão já que o cerco das usinas pode ter outras implicações, nada simples sob o futuro dos assentamentos.

Para o plantio de cana ser realizado pelos assentados, a usina adotou um sistema de empréstimo de muda que deveria ser pago decrescendo o seu valor do montante no acerto final na primeira safra negociada com a usina. Este sistema permite que eles se tornem fornecedores e obtem algum lucro na primeira safra. Eles esperam um maior rendimento para as próximas safras uma vez, com a cana plantada, podem-se retirar vários cortes com a mesma muda, não necessitando de novos investimentos. Outro fator favorável ao plantio é a garantia de uma comercialização imediata da produção com a usina vizinha, ou seja, a usina se compromete a comprar toda a produção. Frente às dificuldades de inserção de seus produtos no mercado, como a falta de transporte apropriado e a distância para a comercialização, à primeira vista, parece-lhes um bom negócio produzir para a usina (BAÚ, 2000, p.101).

A usina fica responsável por todas as etapas na formação do canavial; por proceder a gradeação; a sulcação do solo; o fornecimento e distribuição de mudas; a aplicação de adubos e herbicidas; o fornecimento de mão-de-obra; máquinas e equipamentos; o controle de pragas; e os encargos trabalhistas (BAÚ, 2000, p.104).

Outras despesas, como as com conservação das vias de acesso, com divisas, estradas, é de responsabilidade do produtor, que, quando se exime da responsabilidade, a usina poderá fazê-lo, convertendo os gastos efetuados em toneladas de cana ao preço oficial vigente na época de feitura do serviço, ficando os produtores obrigados a reembolsar, na

colheita mais imediata, o valor referente ao débito (BAÚ, 2000, p.104).

A situação do assentado se complica mais com dividas acumuladas, pelo fato dos assentados fazerem retiradas antecipadas dos próximos rendimentos da cana das safras futuras, parecem recriar o sistema de vales, criando uma situação de dependência e de subordinação. Tal fato é resultado do sistema produtivo altamente dependente de insumos externos, caros e em desacordo com a realidade econômica dos assentados.

A abertura da agroindústria ao domínio das terras arrendadas não se dá em benefícios da pequena produção, mas em benefício de um setor de prestação de serviço que entra para explorar a pequena produção (BAÚ, 2000, p. 105).

Na visão desses assentados o plantio da cana é uma forma de mantê-los produtivos. Mas, na verdade, este fato vem contribuir à ampliação do domínio das usinas, agora estendidas às terras do assentamento, fato preocupante, uma vez que dessa forma não somente a concentração fundiária acontece, como também a concentração da produção voltada ao plantio da cana, que não gera trabalho, não gera alimento, e pode atrasar o desenvolvimento dentro do assentamento (BAÚ, 2000, p.96). Diante do quadro que surge para os assentados, os mesmos se dividem entre os grupos que plantam cana e são favoráveis a este plantio e os que não plantam a cana e são contrários, todo esse cenário vai refletir no convívio dos próprios assentados que acabam olhando um para o outro com desconfiança.

2. AUGÉ DO CONFLITO

O assentamento passou um período de afastamento do INCRA, onde encadeou o plantio da cana-de-açúcar. O INCRA, apesar de continuar, em princípio contrário ao plantio da cana, parece assistir ao movimento como ator coadjuvante (FERRANTE, 2004, p. 142). Mas este quadro vem sendo mudado.

O INCRA, em 2003 instalou no município de Araraquara/SP, um Núcleo de Apoio, visando melhor atender as demandas do assentamento Bela Vista do Chibarro e outros assentamentos dessa região. Até então, a assistência técnica aos assentados era prestada pela Fundação ITESP, através de convênios com o INCRA. Na retomada de suas responsabilidades, o INCRA constatou que havia ocupações irregulares em área comunitária do assentamento; arrendamento de terras pública; monocultura; compra e

venda irregular de lotes e casas na agrovila, uso irregular de áreas ambientais, dentre outros.

Foram adotados procedimentos de regularização dos lotes, mas os assentados por não acreditarem no órgão federal, consequência da ausência em momentos anteriores, mantiveram os mesmos posicionamentos irregulares, de modo, que o INCRA entrou com ações judiciais de reintegração de posse.

Em 10 de dezembro de 2007, foram cumpridos 11 mandados de reintegração de posse, sendo: 5 lotes ocupados irregularmente (compra e venda de lotes); 1 construção em área comunitária; 1 ocupação e construção irregulares em área de reserva legal transformando em lote de produção; 2 acumularam lotes, onde desenvolviam a monocultura da cana-de-açúcar em regime de arrendamento, disfarçado de parceria/compra e venda de insumos com uma usina local, sem contar que estes ocupavam ainda irregularmente as áreas de reservas legais e área de preservação permanente com pastagem do gado adquirido através de financiamento dos Programas Oficiais (PROCERA – PRONAF) e outros 2, desenvolviam as mesmas condições de exploração³.

Após a reintegração de posse, foi feita uma avaliação, para modificação do tamanho do lote, passando de 6ha para 3ha, ou seja, criou dois novos lotes com o assentamento de famílias regularmente aprovadas pelo processo de seleção de acordo com a Norma de Execução nº45/2005.

No mesmo dia 10 de dezembro de 2007, 17 famílias, parte composta por filhos e parentes agregados e assentados e parte composta por trabalhadores rurais sem terra da região, foram assentados nas áreas de produção retomadas.

Entretanto, no dia 30 de dezembro de 2007, ocupantes irregulares apoiados por outros indivíduos, agindo cruel e criminosamente atearam fogo aos bens (mantimentos, carros, barracos) das pessoas recém assentadas pelo INCRA e beneficiárias do Programa Nacional de Reforma Agrária e, ainda, agrediram fisicamente até expulsa-las do Assentamento Bela Vista do Chibarro.

Devido aos últimos acontecimentos, muitos assentados estão procurando o INCRA para poder reaver sua situação e, com isso, não perder as terras que tanto lutaram para

³A maioria dessas informações foi retirada de uma carta que foi enviado a cada assentado do Bela Vista, via INCRA.

conquistar.

Mas os acontecimentos dos que plantam cana e os que não plantam, aumentou depois do Projeto de Assentamento. Há muita dúvida em relação ao INCRA, devido a gestões anteriores, pois ficaram abandonados pela assistência técnica e agora com a nova gestão que quer regularizar a adequação do uso e exploração do lote, as vezes de maneira muito abrupta.

Em 2009, as 17 famílias que foram impedidas de assumirem os lotes tiveram seus direitos garantidos de posse, atualmente cada família assumiu seus lotes e estão se reestruturando para permanecerem e produzirem no assentamento. Atualmente o Bela Vista passou de 176 famílias para 213 famílias, com as intervenções dessa gestão do INCRA foram assentadas as 17 famílias, também regularizadas outras que já viviam no assentamento e pais que acabaram dividindo seu lote com algum filho fazendo um total de 213 famílias assentadas.

Todo este cenário de conflito que passou os assentados acabou refletindo na organização da festa junina, como deve se destacar que além das divergências ainda o problema do envelhecimento ou o falecimento de alguns organizadores da Festa Junina, isto provocou um afastamento e uma despreocupação da população mais jovem em manter a relação com as tradições culturais (GOMES, p.6). Como também, afirma FERRANTE (2006), a festa deixou de ser realizada por causa do medo dos organizadores de que houvessem mortes e acirramento da violência no assentamento, por causa dos acontecimentos recentes como a divisão de grupos que plantam cana e os que não plantam, descaso por parte de jovens em relação à cultura do assentamento, expressões de violência que se opõem à representação de maior tranquilidade da vida no campo.

ASSENTAMENTO RESGATA TRADIÇÃO

O espaço está sujeito ao movimento dialético social e as mudanças nas dinâmicas das forças trazem novas significações para a retomada e valorização dos espaços de sociabilidade para jovens e antigos moradores do Assentamento Bela Vista do Chibarro.

Um segmento bastante significativo no assentamento Bela Vista é a juventude que enfrenta de forma acentuada a dificuldade às políticas públicas de reforma agrária. Boa parte dos jovens migra para a cidade por falta de perspectivas de garantirem sua autonomia.

Atualmente no assentamento, existem em média 300 jovens entre 14 e 29⁴ anos que não se identificam com a Reforma Agrária pelo motivo de desconhecer a luta e não ter participado da construção do assentamento. Motivados a mudar essa realidade, por meio da iniciativa dos jovens, estudantes do curso de Pedagogia da Terra⁵ têm desenvolvido parceria com professores, assentados e jovens da cidade iniciando o Grupo Pé Vermelho.

O Grupo Pé Vermelho nasceu a partir do trabalho de Pesquisa destes estudantes, que conhecendo a história do assentamento e os vários processos de lutas desencadeados na região pela Reforma Agrária, percebem a importância dos fatos históricos que formaram a comunidade. Eufóricos com a pesquisa, esses jovens começam a se comprometer com a comunidade e em uma conversa com a diretora da “EMEF do Campo Prof. Hermínio Pagotto” (escola do assentamento) ela revela que tem um sonho de ver o assentamento embelezado. Isso gera entusiasmo nos jovens que começam levar a diante este sonho.

Com o objetivo de desenvolver um projeto de recuperação dos laços sociais e auto-estima dos moradores, com a participação da comunidade, o grupo deseja plantar uma nova semente de esperança, recuperando o espírito de coletividade do assentamento.

O nome do Grupo foi escolhido justamente para reafirmar a identidade dos jovens proponentes com a terra e enfrentar o preconceito que sofrem no dia-a-dia da cidade (na escola, no ônibus escolares, nos espaços públicos, etc.), ao serem chamados de pé vermelho. A fim de valorizar o meio rural, principalmente a juventude dessa comunidade, Pé Vermelho significa: Pé = permanência na Reforma Agrária; e Vermelho = a luta pela terra. Tornando este nome um símbolo da luta, resgatando e atualizando as tradições caipiras, o objetivo central do grupo é lutar pela Reforma Agrária por meio de ações que valorizem o campo e criam perspectivas para os jovens.

Pensando em promover o resgate dos laços afetivos da comunidade a partir da valorização das tradições do campo o Grupo Pé Vermelho tenta criar possibilidades para que os moradores do assentamento possam relembrar dos momentos festivos do assentamento, onde todos se encontravam trocavam experiências e se divertiam.

⁴ Dados retirados do PSF – Posto de Saúde da Família, no assentamento Bela Vista.

⁵ Pedagogia da Terra é um curso oferecido pelo PRONERA em parceria com a UFSCar.

Sua primeira ação foi uma Noite Cultural no dia 13 de setembro de 2008, na qual reuniu vários moradores do assentamento, tanto os mais antigos quanto os mais jovens. Desde 2005 o assentamento não tinha nenhum momento festivo, onde todos pudessem se encontrar. Nesse encontro realizado na escola do campo, foi pedido para que cada família trouxesse um prato de salgado ou doce para um lanche coletivo, mas o lanche só aconteceria se os moradores do assentamento contribuíssem na alimentação, e foi surpreendente a fartura de alimentos. Outro fator importante e um dos atrativos principais dessa noite foram a apresentação de tocadores típicos do assentamento talentos artísticos adormecidos, como: a apresentação de um casal que cantou sertanejo; uma família que tocou forró; um grupo de amigos que se juntaram e cantaram e tocaram juntos; uma dupla de rapazes; uma apresentação de contação de história caipira (dupla da cidade); uma apresentação em data show de fotos antigas dos moradores e das festa junina, onde todos ficaram emocionados por relembrares aqueles esquecidos em suas memórias. Nesta noite não só a comunidade compareceu como também técnicos do INCRA, funcionários da FERAESP⁶, pesquisadores do NUPEDOR, professores da UFSCar, entre outros que sempre estiveram presentes no assentamento.

Outra demanda do Pé Vermelho foi do Dia das Crianças. No dia 12 de outubro de 2008, o grupo decide fazer um dia de comemoração e participação coletiva para proporcionar as crianças um momento alegre e festivo. Este dia foi marcado pela participação coletiva de jovens e mulheres assentadas que contribuíram para que este dia pudesse acontecer. Os jovens ficaram responsáveis por serem monitores das equipes na hora da gincana como também ajudar na decoração da festa e as mulheres responsáveis por fazerem os lanches, foi um trabalho voluntário e coletivo de todos. As crianças tiveram, na parte da manhã, gincanas e foram divididas em equipes e a tarde teve pula-pula, algodão doce, apresentação de fantoches e uma peça de teatro. Para a realização do dia, o grupo Pé Vermelho, além de conseguir a participação de jovens e mulheres, teve também a contribuição da FERAESP e do INCRA, juntamente com outros parceiros que contribuíram financeiramente, e todos tiveram a oportunidade de proporcionar um dia que ficaria na memória das crianças como o Dia das Crianças mais feliz que tiveram e tudo isso foi retratado em redações ao grupo Pé Vermelho.

⁶ Federação dos Empregadores Rurais e Assalariados do Estado de São Paulo.

As reuniões que se seguiram deram voz cada vez maior às manifestações coletivas. Foi no 28 de março de 2009 que o Pé Vermelho teve uma reunião para fazer um balanço do grupo e determinar as ações para aquele ano. Sendo uma das discussões a retomada da Festa Junina, que tinha ficado na memória coletivo, dos assentados como uma época onde todos se encontravam, trocavam experiências, e que para ser realizado ao longo do tempo foi necessário um trabalho coletivo, onde todos faziam com que aquela festa divulgasse o assentamento como um lugar para festejar, bem como demonstrar ser aquele um local de trabalho e de luta. Outro fator importante é que em abril de 2009 o assentamento comemoraria 20 anos da sua desapropriação, conquista e luta, então, nada melhor para comemoração do que a retomada da tradicional Festa Junina.

A proposta de retomada segue com algumas definições como: reunir com comunidade e mobilização da mesma; organizar a parte cultural; buscar parcerias; ofícios a prefeitura; ofícios: palco, som/luz, barraco; ofício: Luz CPFL; ofício: limpeza do terreiro; material de divulgação (panfletos/cartaz); banda; limpeza; decoração e arrecadação dos alimentos com a comunidade.

O empenho dos jovens é grande, na primeira reunião para comunicação da realização da festa para comunidade só compareceram os jovens e os moradores mais antigos, sendo que os organizadores das festas anteriores não compareceram, seja por não acreditam que o grupo Pé Vermelho, seja por acharem que aquele não era ainda o momento para reavivar a festa, pois os assentados ainda continuavam divididos entre os que plantavam cana e os que não plantavam e ficavam apreensivos que alguma briga ou discussões pudesse atrapalhar a realização.

Mas com o incentivo dos jovens, deu-se início a preparação da festa, o grupo Pé Vermelho ficou responsável na organização geral da festa com apoio dos jovens. São duas fases marcantes: a primeira a arrecadação dos alimentos com a comunidade que foi feito em uma noite na agrovila do assentamento, foi falado para os jovens presentes a origem da festa e o porquê da arrecadação, depois desse momento foram distribuídos chapéus coloridos, apitos, cornetas, e um rapaz que acompanha com uma carrocinha enfeitada de bandeirinha onde ia ser colocado os alimentos, e todos saíram de frente da escola para percorrer todas as ruas da agrovila fazendo barulho e chamando a atenção de seus moradores para a arrecadação. Foi um momento prazeroso e divertidos para todos tantos

aqueles que estavam arrecadando quanto os moradores que ficaram surpreendidos pela abordagem. O segundo momento marcante foi quando um grupo de jovens vestindo roupas típicas de festa junina foram fazer a divulgação da festa no centro da cidade de Araraquara/SP, distribuindo panfletos e comentando sobre a Festa Junina do Assentamento Bela Vista. Os que passavam na rua ficavam surpresos pela abordagem e os jovens que a princípio estavam tímidos, se soltaram e se divertiram fazendo a divulgação da festa.

O esforço desse trabalho coletivo resultou em uma festa com um público de aproximadamente quatro mil pessoas, mantendo ainda a tradição de fazer a distribuição gratuita de alimentos como: pipoca, mandioca frita, doce de abóbora, doce de mamão e bolo de fubá. Tiveram 9 barracas de assentados que venderam seus produtos, uma barraca de doces da cidade, pula-pula para as crianças, como também algo novo que foi uma grande mesa para exposição dos alimentos produzidos nos lotes foi uma ótima propaganda, show com uma banda do assentamento, mais duas apresentações musicais, a eleição (pela primeira vez) da Princesa da Festa Junina e a tradicional fogueira. O que tudo indica é que a Festa retomará seu curso original, mostrando que as experiências coletivas contêm significados simbólicos e ritualísticos, ligados a uma tradição que resgata a memória coletiva GOMES (2009).

É importante destacar que neste ano de retomada da festa junina o grupo Pé Vermelho ainda sediou a 2º Festa do Dia das Crianças, reunindo crianças do assentamento do Horto Guarani, que fica na região de Pradópolis e Guatapará, além das crianças do Bela Vista. Foi um dia de recreação e divertimento, com jogos, caça ao tesouro e lanche coletivo, que como na primeira festa, contou com a colaboração de jovens e mulheres assentadas e a festa desse ano teve mais participação das mulheres. O tema da festa das crianças foi “Orgulho de Ser Assentado”, que resultou em lindas redações. O saldo foi tão positivo que as crianças do assentamento Bela Vista passaram a desejar mais espaços de sociabilidade e contato com crianças de outros assentamentos.

PREPARAÇÃO DA FESTA JUNINA 2010: ALGO NOVO SURGINDO

A Festa Junina de 2009 marca a retomada dessa tradicional festa no assentamento e reaviva a memória de seus moradores. Mas, em 2010, pode definitivamente consolidar a

festa como espaço de sociabilidade dentro do assentamento e principalmente fazer que grupos que não se falavam, agora se reúnam para discutir a organização da festa.

Na primeira reunião feita pelo Pé Vermelho para discutir a festa junina de 2010 a surpresa foi que a maioria dos participantes fosse antigos moradores que organizavam a festa compareceram, como também grupos que estavam divididos, ou seja, os que plantavam cana e os que não plantavam. Depois que o assentamento ficou dividido nesses dois grupos devido a conflitos sociais e econômicos seus moradores dificilmente participavam das mesmas reuniões. Mas seja pelo interesse de colocar uma barraca na festa e vender seus produtos e com isso tirar um lucro, seja, pelo fato de contribuir na realização de uma festa que promove o assentamento o fato é que grupos antagônicos pela primeira vez depois de todo o envolvimento conflituoso em torno do plantio de cana, passaram a se reunir e começaram a discutir juntos propostas para a Festa Junina de 2010.

Enfim, por iniciativa dos jovens do grupo Pé Vermelho, diferentes grupos se juntaram para a organização da festa deste ano de 2010, que de forma inédita será feita em dois dias, contará com 18 barracas de assentados e uma barraca de doces da cidade, mesa de exposição dos alimentos produzidos nos lotes, apresentações culturais com banda de assentados e uma banda da cidade, apresentação do grupo Girafulô (que trabalha a valorização da cultura popular), quadrilha das crianças da escola do campo, exposição de fotos do assentamento e nas barracas de doação de alimentos, as pessoas que trabalharem receberão pelo trabalho. Uma equipe de mulheres formada por antigas moradoras, que sempre contribuíram com suas técnicas culinárias, não deixarão os visitantes com água na boca pela falta dessas delícias distribuídas, mantendo a tradição da Festa Junina do Assentamento Bela Vista do Chibarro.

Tais espaços surgem da condição de pertencimento que perpassa as relações dos jovens e antigos moradores com o assentamento, plena de significações. O aspecto do resgate histórico da tradição, do processo de luta e conquista do local, perpassam tais espaços incentivando a formação comunitária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAIRES, Ângela Cristina Ribeiro. Nem tudo era doce no império do açúcar. Vida, Trabalho e lutas na Usina Tamoio – 1917/1969. Dissertação de Mestrado. Araraquara: UNESP/FCL. 1993.

BAÚ, Cristina Helena Rosim. Relações de Produção de Cana-de Açúcar no Assentamento da Fazenda Bela Vista do Chibarro/SP; Fornecedores, Usinas e Terceirização. Retratos de Assentamento, nº8, 2000. NUPEDOR, Programa de Pós-Graduação em Sociologia. F.C.L. – UNESP/Araraquara.

FERRANTE, Vera Lúcia Botta. (Org.) Retratos de Assentamentos. Araraquara/SP, números 8, 9. NUPEDOR (Núcleo de Pesquisas e Documentação Rural), Programa de Pós-Graduação em Sociologia. F.C.L. – UNESP/Araraquara.

FERRANTE, Vera Lúcia Botta. (Org.) Retratos de Assentamentos. Araraquara/SP, números 10, 12. NUPEDOR (Núcleo de Pesquisas e Documentação Rural), UNIARA/Araraquara.

GOMES, Thauana P.S. Entre a Casa e a Rua: Uma Etnografia de Saberes no Assentamento Bela Vista do Chibarro – Araraquara-SP. Retratos de Assentamento, nº12, 2009. NUPEDOR (Núcleo de Pesquisas e Documentação Rural), UNIARA/Araraquara.

ROSIN, Luís Henrique. Nas terras da Usina, O Fazer-se de um assentamento. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia. FCL/UNESP. Araraquara, 1997.